

## A REALIDADE DE MAIS UM ZÉ

De: Marcondes e Eva Tavares

Em Três Atos

Músicas de Marcondes Tavares

Mal - Andante

Ilumine

Raízes e Poesias (Marcondes e Eva Tavares)

Grito Cálido (Poema de Marcondes Tavares)

Cenário:

1º Ato Uma peça de favela

2º Ato Um escritório

3º Ato Um apartamento

4º Ato Um escritório

Figurino:

João: roupas velhas e dedos amarrados

Jornalista: bem vestida

Maria: mal vestida

Zé: mal vestido (menino pobre)

Demais personagens: à vontade

Histórico da Peça:

Esta peça, criada por Marcondes e Eva Tavares, enfoca os problemas sociais, políticos e econômicos da nossa sociedade e tem a intenção de mostrar algumas falhas que a nossa sociedade tem com relação ao favelado, funcionários de baixa renda, etc.; a situação do empregador junto aos funcionários.

Personagens:

1º Ato

João: favelado

Marlene: jornalista

Judite: amiga da Candinha

Odete: esposa do João

Fernandinho: filho de João e Odete

Candinha: amante do João (não aparece em cena)

2º Ato

Odete: faxineira no escritório

Marlene: empregada

Maria: empregada  
Marcos: patrão  
Bebel: funcionário  
Figurantes 1, 2 e 3, participam da greve  
Marlene: esposa do Paulo  
Paulo: esposo da Marlene

3º Ato  
Figurantes 1, 2 e 3, pedem emprego  
André: jornalista  
Marlene: funcionária  
Zé: pede emprego  
Antônio: patrão  
Otávio: amigo do Antônio  
Marquinhos: filho do Otávio

1º ATO

(João entra em cena)

João:            Meu Deus! Como fui dormir tanto  
Logo hoje que eu tinha que chamar o Zé  
Pra ir lá naquela firma  
Mas, a esta hora já não adianta mais  
Deve ter uma fila dobrando a esquina  
Com a crise que está  
Com tanta gente desempregada...

Que noite, aquele corxão tava duro, que nossa  
Também, pobre muié  
Nem tempo tem de coloca umas ropa véia.  
Pra amacia um poco...

Como que é que não vai duê as cadera...  
Temo quase dormindo em riba da tábua...  
Vou toma um chimarrão...  
Já que o açúcar... só tem pra uma mamadeira  
Do Fernandinho  
Poxa, esta água está suja, também, nem uma torneira são capaz  
De instalar aqui no morro...  
Pobre é lixo...  
Esta lenha moiada... acho que nem vai pega...  
Não sei aonde vai pará esta chuva  
Até o São Pedro... se invoco com nós...

Mas eu tô loquiando, são seis hora...  
Bem diz a vizinha: "home, tu vai acaba na Ana Rech"  
Mas bem que eu devia chama o Zé  
Ah, dexa ele dormi... afinar, trabaiô tanto onti  
Naquela roça, pelo menos ganho uns trocado  
É poco, mas ajuda...

Acho que tô ficando caduco, falando sozinho...  
Aquele febre do Fernandinho está me preocupando um poco  
Queimou a noite intera  
Também, com este frio  
A essa hora já não arresorve mais  
I pro INPS  
Eu tinha que posa lá  
Pra consegui uma ficha  
Também eu não ia adivinha  
Que o Fernandinho ia adoecer  
Criança só fica doenti di noiti  
Fio de pobre Deus óia pra baxo  
Mas também ficar nessa de Deus oiá pra baxo  
Deus oiá pra baxo, não vai adianta...  
Eu tenho que fazer alguma coisa  
Quem sabe na farmácia, eu consigo uns remédio...  
Da outra vez até que resorveu...  
Deus óia pra baxo, eu já to tão discrente  
De tudo... mas este relógio está parado...  
Não sai do lugar...  
Tá com mania de salário mínimo  
Quem sabe este rádio dê a hora...  
Droga também não funciona  
Ah, pensei que não ia funciona...

(Música O Desgarrado)

Nisso:

Jornalista: Vizinho, vizinho...

João: E... ué quem será a esta hora da manhã!  
(Abaixa o volume do rádio)

Jornalista: Vizinho...

João: Entra, a porta está aberta

Jornalista: Bom dia, eu sou do jornal, sou jornalista. Posso entrar... Vizinho...

João: Já está dentro... mas jornalista aqui na favela! Você não tá enganada?

Jornalista: Claro que não vizinho.

João: Sente... aí não, está sujo, as criança faiz uma bagunça. Deixa eu limpa a cadeira... sente. Casa de pobre é sim moça!

Jornalista: Obrigada... (silêncio). Como é o seu nome?

João: Como?

Jornalista: O seu nome... como você se chama?

João: Ah sim, bem, aí no buteco da esquina me chamam de João Maria. Mas pode me chama de João... pra facilitá...

Jornalista: Muito bem seu João, o meu nome é Marlene. Eu trabalho durante a semana em um escritório e nos fins de semana, faço algumas reportagens de bases para o jornal. Se agente não arruma uns bicos a coisa fica preta!

João: É, não é fácil a vida moça!

Jornalista: Seu João... eu vou fazer algumas perguntas, e o senhor me responde na medida do possível.

João: Craro moça...

Jornalista: O que tem na favela?

João: Como assim, não estou entendendo!

Jornalista: Quem mora na favela?

João: Tem munta gente com fome... munta gente pra lá de pobre!

Jornalista: Mas o que é pra lá de pobre?

João: É mora nessa situação que a senhora está vendo, nessa sujeira, que nem bixo.

Jornalista: E bandidos... tem bandido na favela?

João: Bandido, é perciso ver isso direito moça. Inté acho que tem mais bandido no centro do aqui na favela...

Jornalista: De quem é este terreno que vocês invadiram?

João: Nós fumo empurrado pra cá... aceita um matezinho?

Jornalista: De onde você veio?

João: Eu vim da roça, vim pra cá pra piora a situação e a senhora vê, acabei nesta!

Jornalista: Por que o senhor veio morar aqui?

João: Porque é um pedaço de terra que ninguém quer, nós moramo aqui... não porque somo ladrão. Nem marginal, é porque.... porque não temo dinheiro para pagar aluguer...

(Conclusão feita pela jornalista)

Jornalista: Quer dizer que o homem do campo é expulso das terras pelos latifundiários e pelas multinacionais, às vezes eles têm algumas terras, mas não têm condições de plantar e vender a sua produção por um preço mais justo. Então eles se obrigam a vir para a cidade.

João: É isso mesmo moça... eu sentia mais não sabia como espicá...

(Judite entra em cena)

Judite: João... João... uu...

João: Aposto que é a comadre pedindo mais uma xícara de açúcar. Mas desta vez ela vai se danar.

Judite: Oi... um... com gente fina a esta hora da manhã. Mas quem é a mocinha João! Não contava nada... eu sou Judite... muito prazer...

Jornalista: O prazer é meu...

Judite: Olha João, eu só passei aqui pra trazer o que você esqueceu lá na casa da Candinha!

João: O que... que eu esqueci... você está loca!

Judite: Você saiu tão apressado que nem teve tempo de colocar! (Judite tira da bolsa uma cueca samba-canção e mostra)

João: Mas não é possível... está muié tá loca! Saia daqui, nem te conheço.

Judite: Não te faça de engraçadinho... só porque...

João: Saia daqui, onde já se viu... que atrevimento...

(Judite é tirada de cena pelo João)

João: Não leva a mal moça. Que vergonha! Que falta de respeito... logo agora... me desculpa moça!

Jornalista: Não tem problema seu João, eu estou acostumada com isso.

João: Acostumada... pelo jeito você está acostumada com coisa grande!

Jornalista: Vamos prosseguir... com a nossa entrevista...

João: Craro moça... agora não adianta... mas que muié loca...

Jornalista: Que tipo de morador normalmente, mora na favela?

João: Trabalhador sem ofício... servente, doméstica... pessoa que recebe o salário mínimo... os biscatero, como eles chamam...

Jornalista: Seu João, para reforçar mais a nossa entrevista, cite alguns problemas que o favelado tem com a sociedade!

João: Problema... problema são muitos moça.  
Agente é empurrado pra lá e pra cá, como brinquedo de criança... as imobiliária não que nós aqui... nós desvalorizamo as terra... estes morador de perto também não gostam da gente... eles acham que favela é bandido. Essa droga de Prefeitura... de repente eu nem sei se devo dizer... eles podem nos persegui mais ainda... eles desmancham nossos barraco a hora que bem resolve... e empurram pra onde eles quer... bem longe do centro da cidade, que nem nós, aqui não tem ônibus, água, luz... é triste moça!  
Mais um mate moça... tá meio frio!

Jornalista: Seu João, o senhor vota?

João: Craro moça... mas com esta embrueira intá nem sei mais.

Jornalista: O senhor quer que eu lhe explique?

João: É bom moça.

Jornalista: Bem, agora existe o voto vinculado. É muito fácil, é só cuidar na hora de votar. Tem que pegar todos os candidatos do mesmo partido, isto é, Governador, Deputado, Prefeito e para Vereador... é simples, basta escrever o nº do candidato, se não soube o nome na hora... mas está cheio de modelinhos na rua, ensinando como se vota.

João: Eles enrolam tanto moça, que já estava inté com vontade de não votar... mas é fácil moça? Acho que eu vou votar...

Jornalista: Existem muitos partidos da Oposição, mas somente um é o mais forte. Devemos escolher bem para votar com consciência! MUITO CUIDADO PARA QUEM O SENHOR VAI DAR O SEU VOTO. Isto é muito importante...

João: Com esta espricação da senhora, prometo que não vou burriá!

Jornalista: Mais alguma coisa seu João, mais algum problema que o senhor queira falar?

João: Nós somo tachado de bandido... mas nós é somo roubado. Óia pro nosso salário, é preciso tirar essa mancha que jogaram sobre nós, mas como não temo ninguém pra falar por nós. Afinar, muita farta nós não fizemo. Era té mió que não tivesse nascido, pelo menos era um sofrimento a menos aqui na Terra. Eu to tão discrente inté na vida, moça... também, com tudo que agente vem passando!  
(Quase brigando com a jornalista)  
Bota... bota isto no jornal. Fala da nossa miséria, fala como nós vivemo... porque eu acho que ninguém se dá conta... fala que nós somo uns revoltado. Escreve tudo, mostre pra eles o que nós somo... o que nós somo! Não somo nada!  
Descurpa moça, eu... eu não devia... também, aqui só vem gente pra...

Jornalista: Tudo bem, seu João, eu sou apenas uma jornalista que está trabalhando, e tentando levar a sua mensagem... calma! Aonde eu fui me meter!

João: É, eu sou muito revoltado... eu podia ter sido arguém... se não fosse a injustiça que fazem pra gente!

Jornalista: Eu sei disso, seu João! Mas é só com luta que se vai vencer. Seu João, o senhor sabe o que é BNH?

João: Quando eu trabaiava lá na firma... depois o homem me mandou embora por causa desde dedo, perdi na prensa. Ele achou que não ia produzir mais como antes. Eu inté pedi pra eu ir pra outro lugar. Mas não hovi nada. Ele não quis me ouvi... mas você falou em BNH, eu me lembro que... na hora do armoço a turma falava sobre isso... me lembro que eles diziam: "agente constrói a cidade, piorando a nossa situação..."

Jornalista: Pois bem... nós, empregados, encaminhamos para o BNH 8,5% dos nossos salários através do FGTS. Mas com as condições impostas pelo BNH não dá pra favelado e nem pra quem ganha pouco, comprar a sua casa própria...

João: E é desse jeito moça! É tirado dos favelado e passa pras crasse mais favorecida da sociedade... Eles protege os ricos, e os pobres ficam na mão!  
Aceita mais um matezinho?

Jornalista: Não, obrigada!

João: Tá com nojo... fazendo essa cara... a erva é de onti!

Jornalista: Nada disso seu João. Você já morou em algum bairro mais para o centro da cidade antes de vir morar aqui?

João: Sim... logo que eu vim da roça eu tinha uns trocado a mais e então aluguei uma casinha mais pro centro! Inté era legal, tinha dois cômodos, um banheiro e uma cozinha. Aqui não tem nada disso, a senhora vê... o nosso banheiro... é aqueles bambu lá no fundo... mas depois a dona da casa começou a brigar com a minha muié... sabe, por causa das criança... cinco fio não é fácil moça... sabe o que ela disse um dia pra minha muié? Que preferia luga a casa pra quem tinha cachorro e não pra quem tinha fio... vê se pode moça!

Jornalista: Quantos filho o senhor tem mesmo?

João: Eu já lhe disse, sono sete aqui no barraco... eu, a muié, os dois menóri, estão dormindo, um tem um problema de saúde, os outros dois estão brincando na rua desde cedo... inté tenho medo, mas não posso controlar tudo. Com esta marginalização que anda por aí... mas Deus ajuda! O Zé coitado, já não sabe mais o que fazer... está dormindo... faz seis mês que está atrás de emprego e nada. Inté ia chama mais cedo pra ir numa firma... mas já passou da hora... eu deixei que o coitado dormisse um pouco mais. Tá muito difícil de arrumar emprego moça!

Jornalista: Bem, seu João, o papo está legal, mas eu tenho que ir. Tenho compromisso à tarde... mais trabalho me espera pela frente...

João: Pela frente...

Jornalista: Até um próxima!

João: Mas eu estava esquentando a água pra toma um cafezinho moça.

Jornalista: Não... muito obrigada... Vai ser publicada esta entrevista, ou melhor, este seu desabafo! Passe bem seu João!

João: Cuidado com o guaieca da vizinha...  
(Silêncio)  
Mas... mas que estranho jornalista aqui na favela...  
Bem... será que não é coisa do...  
Não, mas não tem nada haver...  
Bem, pelo menos arguém percupado com nós!!!

Odete: João, cadê os meus sapato?

João: Estão moiado... com a chuva de onti!

Odete: Não faiz mar... é só os que tenho, cadê João? Vai moiado mesmo!

João: Tá lá no quarto em riba do baú... depois você pega... venha toma um mate... aproveita que tá quente a água... a lenha tá pouca vou deixa apagar o fogo depois.

Odete: Eu não quis atrapaiá o papo de vocês... mas eu estava escuitando. Fizeste muito bem João, eu tava torcendo, com vontade de me meter, mas ela ouviu boas. Pode sê que leva ao conhecimento do home. Mas a Judite, que atrevida, sempre fazendo escândalo. O que você esqueceu lá na casa da Candinha? Você ficou brabo!

João: Aquela carça véia... que qu deixei lá no dia que matemo o porco... você alembra?

Odete: Mas isso é coisa que se faça! Não arrespeita ninguém, nem a moça...

João: Coitada da Judite, não arregula bem!

Odete: Aquela moça tem força né João?!  
Arrepara bem do Fernandinho, tô atrazada que nossa...

João: Corre, o relógio parou!

Odete: Até a noite João!

João: Até muié... vai com Deus...  
Pobre muié, sonhava tanto em vim pra cidade, mas nem imaginava o que nos esperava...  
(fala sozinho)  
Se meu fio entendesse, tudo o que eu disse pra aquela moça...  
E também mundo que lhe espera...  
Ele é muito criança pra entende certas coisas...  
Mas Deus me dá força pra acompanha meus fios...  
Eu não tenho dinheiro, nem casa... o que tenho é isso... nem estudo... só tem revorta...  
Eles não tem curpa... foram sorteado pra nasce neste berço pobre...  
Temo que agüentá... no osso...  
Mas não é nada meus fios... eu sei que vocês não esperam só o pão...  
Vocês precisam de luiz, de entendimento, de educação, de trabaio, de humildade, de uma casa... de uma sociedade decente...  
Mas eu guardo comigo uma esperança... e esta eu sei, é certa... o home lá de cima nunca vai esquecer que vocês são a esperança do dia de amanhã!  
(João cai chorando)

(Apagam as luzes e começa a música Aquarela do Brasil, toda)

2º ATO

(Odete entre em cena com pano de limpeza na mão)

Odete: Como estou atrasada, mal vai dá pra tirar o pó. Nem dá de varrê. Não dimora as menina estão aí... vou só tapear um pouco. Bem que tinha que tê pelo menos dois ônibus naquele horário lá pro morro. Quando se perde um teria o outro... da dó vim a pé. Ih, tão chegando... oi pessoal...  
Tão de mal humor...  
(Odete sai de cena)

Marlene: (fica triste sentada)

Maria: O que aconteceu Marlene? Você está abatida, você está muito triste!

Marlene: Eu fui despedida... é sentar pra cair...

Maria: Despedida?! Mas como assim. Qual o motivo que você deu. Você sempre foi tão legal, sempre correspondeu a altura. Eu vou falar com o Dr. Marcos. Será que o ser humano não tem mais valor!

Marlene: Não... não vai... Maria ele já decidiu. Não tem conversa, estou na rua... mas tudo bem, pelo menos desabafei tudo aquilo que estava trancado aqui dentro do meu peito...

Maria: Como assim, você brigou com o chefe?

Marlene: Nada não... eu não briguei...

Maria: Então o que aconteceu?

Marlene: Ele pegou junto com as correspondências, hoje de manhã, e leu o texto que tinha escrito para o jornal, e acho que era o maior dos absurdos. Chegou até telefonar para o jornal pedindo para que não publicassem minhas reportagens, meus trabalhos... e que minhas atitudes eram de ordem subversivas.

Maria: Mas como você cometeu essa burrada?

Marlene: Eu sei que foi uma burrada, mas não tive culpa. Eu deixei junto com a correspondência, como já te falei. E sem querer foi parar lá em cima da mesa dele. Tentei explicar... mas ele não quis me ouvir, mandou logo que eu passasse no Departamento Pessoal...

Maria: Mas eu vou falar com ele. Fica calma... já volto...  
(olhando para a platéia)  
Nós não temos o direito de sentir nem de escrever, afinal que mundo é este!  
A verdade sempre dói...  
Com licença senhor Marcos...

Marcos: Sim... entre. O que lhe traz aqui?

Maria: Senhor Marcos... eu faço parte do Dep. Pessoal, como o senhor sabe. E tem um problema que me interessa muito. Aliás, interessa nós dois... eu gostaria de saber o que houve com a Marlene. Parece que ela foi posta pra rua. Acho que tem algum mal entendido. Ela sempre foi tão eficiente, pelo menos aqui dentro ninguém tem queixas dela!

Marcos: Não tem mal entendido coisa nenhuma dona Maria. Eu mandei ela embora...

Maria: Como assim, o departamento não merece uma explicação!

Marcos: Por acaso você virou defensora? Ou ainda é uma funcionária da minha confiança!

Maria: Não, não é isso, você sabe que não é isso! Eu só queria saber, afinal Marlene é um ser humano, e como tal merece respeito pelo ser que representa! Não é só mandar embora e pronto. Parece descartável!

Marcos: Você não tem nada a saber!

Maria: Mas o que ela fez de tão grave?!

Marcos: Olha dona Maria, se eu não colocasse na rua eu iria perder muita gente aqui... Esta jornalista de araque! Escreve coisas para um tal jornalzinho que nem faço questão de mencionar... coisas que só vem nos prejudicar... virou defensora dos pobres... tem mais é que se ralar. Tentando esclarecer certas coisas que eles não precisam saber... só vem complicar mais e mais... pessoas como esta nos devemos cortar... isto pode no levar a greve ou até coisas piores. Dona Maria, operário não tem que se esclarecer, pense bem, eles são a maioria, se eles tomam consciência de tudo o que existe de errado eles pegam força e isso viria nos prejudicar! Estou sendo bem claro com a senhora, porque eu considero uma funcionária do nosso lado!

Maria: Mas com esse salário que eu ganho, eu tenho que ser mais uma deles. Eu também tenho problemas, o dinheiro que eu ganho é curto, o mês que eu pago o armazém pra minha mãe não dá nem para comprar um par de sapato. Olha como é que estou me vestindo. E pense no gasto que eu tenho para vir trabalhar aqui! Passagem, almoço fora...  
Olha o custo de vida, pra inflação... tudo isto é motivo pra gente se revoltar... pra gente tomar certas atitudes, que muitas vezes somos mal entendidos... pra tudo precisa de dinheiro... a gente vive em torno disso. Olha, eu tenho doze anos de casa, praticamente me criei aqui dentro!

Marcos: Você veio aqui para falar dos seus problemas, ou resolver o problema de Marlene?

Maria: Não... mas já que tive a oportunidade de falar, estou falando... Mas o que ela fez de tão grave?

Marcos: Se está muito interessada, leia isto... e não foi só o que veio junto com a minha correspondência... eu já vi pessoal da fábrica com mensagens semelhante a esta. Ainda bem que o jornal não publicou certas besteiras...

Maria: Não vejo nada de mal nisto aqui!

Marcos: Acho que você não leu como devia... leia, dona Maria... leia, parece que está com medo!

Maria: Acho que medo não...  
Tá bem, eu vou ler...  
"Se neste momento, o mundo  
Estivesse de mãos dadas ao meu redor  
Gritando 'és um exemplo'  
E você de costas para mim  
Dizendo 'és um fracasso'

Eu deixaria o mundo e seguiria  
Teus passos e no abraço  
Justificaria meus erros  
Que por certo irias entender  
O que muitos tentam esconder  
Com palavras lindas

Sou verdade e não quero falsidade  
Na sociedade  
Escondendo meus erros  
Fantasiando meu destino  
Ocultando minhas palavras  
Comparando meu passado  
Com o meu presente

Marginalizando minhas atitudes  
Minha força  
Minha explosão  
Não quero sociedade, escondendo  
A realidade das igrejas  
Leis para afirmar uns aos outros  
Os pobres escravizados  
No sentido de salários  
Além de mal pagos  
Pouco compreendidos...  
Muitos construindo fortunas e palácios  
Enquanto infelizes são rejeitados até  
Nas portas das igrejas  
Pessoas fingindo cristã, e negando uma moeda  
Não quero ver ninguém usando

Nomes de pessoas importantes  
Como alvo de mensagens  
Para atingir a massa

Usando política para defender sua própria causa  
Sociedade negando, os direitos humanos  
Inflação nos levando a miséria  
Denúncia vazia, que nos joga na rua  
Em busca de outro complicado teto...

Filas de INPS, muitas vezes para chegar  
A presença de profissional  
Comerciante de dados  
Que ignora a doença  
E ativa papéis  
Em prol do seu próprio bem  
Supermercados e lojas  
Mofando suas mercadorias  
E pessoas famintas  
Quase despidas pelas ruas  
Com os pés em chagas

Lojas de brinquedos  
Lotadas, e crianças paradas  
Com o olhar suplicante  
Apertando no peito  
A ânsia de ganhar um...  
Isto eu não queria participar  
Mas não devo fugir da realidade

Tenho alguém que viaja comigo  
Com o mesmo excesso de bagagem  
As pedras são as mesmas das quais tropecei  
Por certo entende minha mente confusa,  
Perante tantas coisas  
Que aqui seria difícil relacionar  
Na minha luta interminável da aceitação  
Eu sei, poucas pessoas entenderiam meu ego  
Quase sempre ignoram  
A forma da qual eu penso  
Mas nada pára, tudo continua  
Tudo se transforma  
E quando eu for fim  
Outras coisas começarão  
E a tendência de tudo é de se unir  
Para vencer  
Mas quando... quando...

Sem luta nada seremos...!”

Não vi nada de tão longe da verdade, seu Marcos. Por sinal é um texto muito bonito... será que o senhor tem medo da verdade?!

Marcos: Medo... não, não, claro que não!  
Se eu quiser fecho isto aqui, que nada me impede, e vou passar umas boas férias em Paris, Londres. Eu só não quero que isto se repita mais aqui dentro, para o bom andamento do serviço... precisamos produzir dona Maria... acontece que aqui ninguém faz aquilo que pode fazer... trabalhar mais... sabe de uma coisa... o que eu estou percebendo é que você está do outro lado... está querendo comprar briga... mas acontece que eu tenho o poder nas mãos!

Maria: Eu acho que a Marlene não merecia este tipo de punição. Ela é uma pessoa de cabeça legal. Assim eu pudesse escrever como ela escreve! É uma forma de se desabafar, afinal tem muito mais coisas para nos prejudicar do que para nos esclarecer!

Marcos: Claro que...

Maria: Quer dizer que as pessoas não tem o direito de liberdade? De dizer o que estão sentindo? Elas são simplesmente acondicionadas. Mas tem uma coisa que o senhor tem que levar em conta: é que... o senhor ia se esquecendo que nós estamos tratando com seres humanos. Pessoas que tem sentimentos e não com animais. Animais como você está acostumado a tratar...

Marcos: Sim, eu sei muito bem o que você quer, mas acho que está passando das medidas!

Maria: Dr. Marcos, vamos acordar, parar com esse seu egocentrismo, e ver mais de perto a realidade. Vamos tirar esta máscara da cara, não foi por isso que o senhor colocou Marlene na rua! Você deve estar bem lembrado quando o pai da Marlene foi seu sócio bem no comecinho de tudo isso aqui! Não sei como você teve tanta idéia!

Marcos: Pelo jeito... você está bem informada!

Maria: Eu sou uma funcionária muito velha aqui dentro. Por isso estou a par de todas as coisas... não como você teve a coragem de dar aquele golpe naquele velho que tanto lhe ajudou a subir na vida. E agora quer dar o fim na coitada da Marlene, alegando certas coisas que não tem nada a ver. Só porque ela sabe de muita coisa. Mas ela não vai fazer nada, Marlene ainda é gente... foi terrível aquele golpe que levou, aquele pobre velho... a morte... Bata! Bata!... é assim que você sabe tratar com as pessoas, é assim que o senhor sabe agir...

Marcos: Basta... considere-se na rua! Saia... você já complicou demais... saia!

Maria: A palavra diálogo já não existe mais. Não precisa se preocupar. Eu já me considero demitida. Talvez assim você tenha encontrado a resposta porque tantas pessoas têm deixado esta empresa...

Marcos: Droga... logo hoje com tantas coisas para resolver, em plena 8 horas da manhã me aparece um...  
Telefones para os bancos, negócios para resolver, já que m desconcertei, tenho mais é que tomar um cafezinho para esfriar a cabeça...

Maria: Não é nada Marlene. Um dia tudo vai mudar. Temos que lutar e não abandonar este ideal. Não chora Marlene, força. É sempre assim, ninguém pode dizer o que sente. Temos sempre que fazer o jogo deles. E com isso vem o nosso esvaziamento interior. Eles querem que a gente seja como máquinas, eles querem que a gente acredite nos papos furados deles... que vai melhora, que vai melhorar... e nada... eles só querem que nós trabalhamos mais e mais, pra eles ficarem mais ricos e nós cada vez mais pobres. Nos negam até mesmo o direito de nossos sentimentos. Se Marlene escreveu tudo aquilo é porque ela está sentindo muito bem para onde estamos indo. Vamos gente, falem também...

Figurante: Queremos maiores condições de trabalho!

Maria: Não era só para encher papel...

Fig.: Queremos segurança no trabalho! Maiores salários!

Maria: Temos que garantir nosso direito de luta, dentro dessa sociedade complicada.

Fig.: É isso mesmo... temos que lutar...

Maria: Teremos que lutar contra muitas coisas. Só unidos venceremos!

Todos: Só unidos venceremos!

Bebel: Se queres que eu sofra... é grande o teu engano. Pois olha nos meus olhos...  
Ué, o Dr. Marcos tomou doril!  
Tomou doril coisa nenhuma... acabei de passar por ele... o que é isso aqui... estão ensaiando a tal grevezinha.  
Se querem café vão na cozinha. Não vou servir café para mulher... aquela bruxa desalmada... vem um dia falha dois... um dia tá assim, outro tá assim... pra variar não veio hoje. Não sei o que o Dr. Marcos quer com ela aqui. Se fosse eu... já tinha mandado... pobre Dr. Marcos, se não fosse eu ele não teria o cafezinho dele, ainda bem que eu entendo dessas coisas...  
Se um dia desses eu sair berrando daqui, me amarre a camisa de força – não o que vocês estão pensando – e me leva para o hospital para fazer um exame de frescura. Porque eu vou ter o maior ataque de água doce... eu hein... porque isso aqui não dá para agüentar mais... não tem açúcar na cozinha. O patrão não comprar mais esta semana. Estão gastando demais, estão querendo ficar docinhas... estou cansada...

cansada, eu... ai que mania eu tenho de pensar que sou mulher, isola esse bicho de câncer... vocês não falam nada, estão com medo de mim... até parece que sou uma cobra, parece que eu não nasci, fui escorregado...

Fig.: Esta cadeira é do patrão!

Bebel: E daí, eu sou assim com ele... Se estivesse sentado nela eu sentaria igual... Estão com ciúme...

Fig.: Este teu Dr. Marcos está por fora das coisas...

Bebel: Este teu não... nosso. Mas ele está por fora só pra vocês. Pra mim ele está muito por dentro!

Fig.: Pela frente ele é uma coisa, mas por trás...

Bebel: O que importa... pela frente, por trás, pelo lado... o negócio é ganhar 120 mil cruzeiros no fim do mês...

Maria: A sua presença nos faz mal!

Bebel: Nunca deixei ninguém grávida!

Marlene: Acho bom você ir andando!

Bebel: Não sejas agressiva... eu também quero estar do lado de vocês... eu também sou um – ou uma, como queira – ... um batalhador... uma operária, pronto... uma pobre... mas vamos trocar de assunto. Vocês viram a maravilha que está no jornal de hoje? Já estou até fazendo campanha. Não é campanha, estou promovendo... o Dr. Marcos vai ser presidente do Banco Central Estrangeiro... Só olha, não pega o jornal... vai comprar, custa bem barato... tenho ciúme até do jornal!

Maria: E o pior que é deste banco que anda em todos! O que está no poder, melhor dizendo!

Bebel: E daí, irônica... que está no poder, mas é com o dinheiro que você ganha do Dr. Marcos... que tu mata a fome...

Marlene: Olha, tu e o teu patrão tem mais é que botar o Binóculo no terceiro olho só pra ver a cagada que deram...

Bebel: Ai que atrevida... mas veja só o que ela disse... Tem mais é que botar o binóculo no terceiro olho só para ver a cagada que deram... que nojo... que audácia!

Maria: Não é pra menos que você está neste de auxiliar do patrão!

Bebel: Ainda bem... porque eu pensei que você fosse mais uma dessas discriminadoras que andam por aí... olha, meu amor, veneno com veneno se paga... me aguardem. Ah, tem uma coisa que ia me esquecendo, vamos entrar no jogo do Dr. Marcos... se não vocês vão levar direitinho...

Maria: Sai, já encheu demais...

Todos: Vai... vai... puxa-saco... etc...

Bebel: Que nojo... gavetas revoltadas...

Maria: Eles querem tirar a nossa pouca força. Mas eles sabem que nós somos a maioria. Nós não queremos ir de encontro com eles, não queremos guerra, nem greve... nada disso. Mas sempre somos mal entendidos, quando buscamos um pouco mais de justiça social!

Marcos: O que é isto aqui?!  
Estão querendo fazer greve. Se quiserem greve vão fazer lá na rua. Aqui dentro quero muito trabalho, quem manda aqui ainda sou eu... o que vocês estão pensando. Não quero a menor atitude de manifestação grevista, estamos entendidos! Voltem ao trabalho!

Marlene: Já fizeram fofoca...

Marcos: Ninguém fez fofoca...

Maria: Deve ser o correio... só pode ser coisas de Bebel...

Marcos: O que vocês tem contra a Bebel? Só porque é um rapaz que às vezes desmunheca! Ele é da minha confiança... nada tenho contra o seu problema, cada um faz o que quer da vida... aliás, cada um deve optar pelo caminho que sentir melhor... ninguém tem que fazer nada para satisfazer os outros...

Maria: Dr. Marcos, foi muito bom o senhor ter chegado, aliás chegou em boa hora... tem uma coisa que o senhor precisa saber... a única coisa que nós queremos é que... é um pouco mais de justiça social! E isso não é uma greve, e sim uma paralisação...

Marcos: Mas quem são vocês pra buscar justiça social!

Maria: Somos seres humanos. Mas sempre somos mal entendidos quando buscamos a segurança do homem no trabalho... somente o que nós queremos é que a justiça social se faça presente em todas as classes sociais!

Marcos: Mas quem está fazendo INJUSTIÇA?!

Maria: Você...

(As luzes se apagam e toca a música Basta Já)

3º ATO

Marlene: Ai... ai... tudo de novo... emprego novo. Como foi difícil arrumar este. Já comecei cansada, nem tive tempo de descansar. Ainda bem que é sexta-feira. Este fim de semana a gente dorme um pouco. Vamos ver o que vai acontecer aqui hoje. Todo dia é uma nova emoção. Tenho que estar preparada...

André: Com licença... com licença... Oi, Marlene, como foi difícil te achar... Telefonei pra todos os lugares. Só faltou colocar um anúncio no jornal... Como vai (se beijam)

Marlene: Tudo em paz... o que tem feito?

André: Ah, eu estou montando o tal jornal dos meus sonhos. E estou te procurando pra entrar nesta... como você é uma boa redatora... e manja da coisa... você vai topa né?

Marlene: Não estou mais com vontade de escrever nada. Estou cansada.

André: Cansada... de ser castrada... não desanime bicho! Estou te convidando numa boa, você foi perseguida só porque falou de verdades. Mas eu te topo um monte... você tem mais é que deixar de lado... e tocar o barco pra frente!

Marlene: Eu estou cansada de ouvir eles dizerem que eu só aponto problemas e não mostro nenhuma solução!

André: Você disse solução...  
Que burrice Marlene. Cá pra nós, você não tem que mostrar solução, nós é que temos que fazer alguma coisa... nós temos de plantar uma semente e esperar. Pode ser que os dias melhorem, seja para nossos filhos... você tem um, eu também... nós não podemos desistir. Somente apontando os erros da nossa sociedade, e as falhas, pode ser que um dia tenhamos algo mais justo, mais digno. Não desista Marlene! Você não é a causa de tudo, nem tão pouco a solução... nós jornalistas sempre somos mal entendidos... eu sei disso... nós temos que botar pra fora esta garra, esta vontade de vencer. Temos que caminhar de mãos dadas, para um dia ver que a solução estava dentro de cada um de nós... já estou até discursando... quando eu me empolgo!

Marlene: Acho bom você ir andando. O patrão, não demora está aí. Se já não chegou. Se ele nos pega... a coisa pode complicar pro meu lado. Gato escaldado...

André: Ele nem vai saber. Pode pensar que eu estou pedindo emprego. Mas tudo bem, eu vou. Eu vou te deixar o meu telefone aqui... neste papel... tá, o número é este... se você não me telefonar eu telefono... Marlene, força, vamos vencer!

(Marlene e André se despedem)

Marlene: Passe o primeiro...  
O primeiro da fila... senta... já trabalhou?

Fig.: Sim...

Marlene: O que você sabe fazer?

Fig.: Bem, de escritório tudo. Já fui secretária também do Dr....

Marlene: É, mas infelizmente a vaga que nós temos é para rapaz... volte a semana que vem... quem sabe temos alguma coisa!

Fig.: Você não sabe de algum outro emprego?

Marlene: Não sei bem... mas aí dobrando a esquina, numa firma nova que abriu, parece que eles estavam precisando de secretária...

Fig.: Muito obrigada... vou dar uma passadinha lá...

Marlene: O próximo... ou a próxima... rápido... O que você sabe fazer?

Fig.: Bem por enquanto nada... estou tentando arrumar emprego... vim de fora agora a pouco...

Marlene: Para quem não tem experiência, nós não temos nada... aliás nem empregamos ninguém sem experiências...

Fig.: E como é que eu vou aprender a trabalhar se ninguém me dá uma oportunidade...

Marlene: Infelizmente é assim... não posso fazer nada!

Fig.: É sempre assim...

Marlene: O próximo... vamos moço...

Zé: Hãã...

Marlene: É você mesmo... senta...

Zé: Tem fogo?

Marlene: Você é muito novo pra fumar... aqui (alcança o fósforo).

Zé: Você escreve bem...

Marlene: Seu nome?

Zé: ..... mas pode me chamar de Zé...

Marlene: O que você sabe fazer?

Zé: Eu já trabalhei... de OF-FI-CE B-O-Y... aquilo que está escrito ali... não sei dizer bem, me enrola a língua...

Marlene: Office Boy?

Zé: É isto mesmo?

Marlene: E aonde você trabalhou?

Zé: Em uma madeireira...

Marlene: Você tem referências?

Zé: Sim, claro que sim... eu saí de lá por causa dessa coisa que dizem aí, redução... redução de funcionários... eu não fiz nada de mal moça! É só telefonar pra lá que eles vão falar bem de mim...

Marlene: Você estuda?

Zé: Estudava... tive que sair da escola pra trabalhar. A coisa lá em casa tava preta. Tava e tá... o dinheiro estava curto...

Marlene: É grande a sua família?

Zé: Ih... somos em sete lá em casa. O mais velho sou eu... dos filhos. Porque meu pai e minha mãe são mais velho que eu...

Marlene: Sim claro... eu sei... o seu pai trabalha?

Zé: Trabalhava... ele trabalhava numa metalúrgica. Mas ele se acidentou e o home não quis mais ele lá. Fez PUM na bunda dele. É você ri mas é verdade... ele disse que o meu pai não ia produzir como antes.

Marlene: O que houve com ele?

Zé: Ele perdeu este dedo aqui na máquina, aquela máquina que vai pra cima e pra baixo...

Marlene: Prensa...

Zé: É isto mesmo... ele agora está encostado no INPS. Mas o salário dele foi reduzido, quando mais nós precisava de dinheiro. Não dá nem pra pagar o aluguel. Que aluguel coisa nenhuma, nós moramos num barraco. Moramos apertado em duas peças. Não tem luz, não tem água. Parece terra sem dono. Mas só parece, estão sempre brigando pra tirar nós de lá... Acho que eu ia me esquecendo de dizer que nós moramos numa favela...

Marlene: E a sua mãe, o que ela faz?

Zé: Ela é faxineira do escritório dum granfino. Eu não conheço o patrão dela...

Marlene: Escuta, você não é filho do seu João?

Zé: Seu João... você conhece meu pai... ou foi por acaso que você falou o nome dele. Afinal João é um nome comum...

Marlene: Nada disso Zé... deixa prá lá...

Zé: Sim... o que é que tem...

Marlene: Pois é, a vaga é sua...

Zé: Minha! Você está falando sério?!

Marlene: Claro, porque não...

Zé: Poxa, que ótimo. Você nem sabe como estou feliz. Pelo menos deixo de andar de porta em porta pedindo emprego... como já caminhei. É menos uma coisa pra nós lá em casa se preocupar... papai vai ficar louco. É desta vez que tem um chilique. Tenho que ter um cuidado quando eu for avisar pra ele. Pobre do meu pai... ele tem tanto medo que eu caia na malandrage. Escola é o que não falta. Mas quando eu posso começar?

Fig.: Sr. Antônio, ligação pro senhor no ramal 21.

Antônio: Obrigado... pode completar... pronto... sim Otávio, mas quanto tempo rapaz! O que tens feito? Trabalhando... sim... como eu... ah, você leu nos jornais... pois é rapaz, é a segunda que inauguramos no Estado este ano... muito trabalho... e duro... aqui tudo bem... a mulher... tudo bem... vai para o Rio este fim de semana fazer compras com as crianças! Ela afirma que não tem butique de gosto dela aqui... coisas de mulher... Opa... ficar sozinho com a empregada... não... se bem que ela é boazuda pra caralho... mas não sou homem deste tipo... eu não sou... não... não faz o meu gênero... pescaria... ô se topo... vamos sim, já to mudando de programa... eu ia pra casa de praia. Foi bom ter me ligado... tu passas aqui em casa, te espero... como... sim claro... O Marquinhos, claro que me lembro... tá grande o piá... eu me lembro quando ele brigava com o meu... e... um era gremista e o outro era colorado... com

17 anos, poxa mas o tempo passa... nós é que estamos ficando velhos... como assim... rolos... envolvido... isso é coisa da juventude... na pescaria você me fala... é, bota trabalhar que é o melhor... aprende a ter responsabilidade... como... olha casualmente temos uma única vaga e vai servir muito bem pra ele... é de office boy... claro que arrumo sim... pra começar é ótimo... quem te falou em prática. Aqui se arruma tudo, ainda mais pra amigo... velho amigo... não, documentos depois ele arruma... segunda-feira... lá pelas nove horas... não, não... ele vai trabalhar aqui no meu gabinete... pode ficar tranqüilo... eu acomodo o rapaz... tudo bem... eu vou desligar... ainda tenho uns problemas para resolver... antes de ir... mas na pescaria a gente fala melhor... não precisa agradecer, amigo é pra estas horas!... de nada... até mais... sim... outro... espero... um abraço!  
Dona Marlene!

Marlene: lh... aí vem bomba...

Zé: Leva a fixa pra ele assina...

Marlene: Sim chefe...

Antônio: Dona Marlene, estes livros caixas eu já dei uma olhadinha... me encaminhe pra contabilidade... estes jornais... não, o que você costuma fazer com eles? Bem... made a faxineira dar uma boa arrumada neste gabinete... amanhã não virei... me controle tudo aí. Vou um pouco mais cedo pra ver se encontro o Cartório aberto... o senhor dos terrenos não ligou?

Marlene: Não... até agora não... Ehh.. seu Antônio...

Antônio: Ah, me retire o cartaz referente a vaga... porque a vaga já foi preenchida...

Marlene: Mas como assim, seu Antônio?!

Antônio: A vaga já foi preenchida...

Marlene: Mas eu acabei de admitir... o José. É um ótimo rapaz, tem prática, já fez curso de office boy, e aceita o salário mínimo...

Antônio: E o que é que eu tenho a ver com isso! Dona Marlene, quem manda aqui ainda sou eu. Resolvi... dar a vaga pra outro... e daí, tenho que dar satisfação pra você? Retire o cartaz...

Marlene: E o que eu faço com o Zé...?

Antônio: Não sei... rasgue a fixa dele... se é que você fez... mande ele vir outro dia... dê uma desculpa qualquer... parece que você não sabe resolver os problemas. Será que tenho que me meter neste tipo de probleminha... então não teria razão de ter você aqui...

Marlene: Mas... quem é essa pessoa... seu Antônio?

Antônio: Não lhe interessa... volte ao seu trabalho e deixe de ser intrometida... meter o nariz aonde não é chamada... volte e faça isso se não quiser também... ir pra lista dos desempregados... e fim de papo...

Marlene: Com que cara eu vou ficar agora com o Zé... tão feliz que...

Zé: Mas o que está acabando  
Com a nossa sociedade  
E pouco a pouco destruindo com cada um de nós...  
É que as pessoas só valorizam os outros...  
Pelo que elas têm  
E não realmente pelo que elas são...  
Mas agora, neste momento  
Neste instante  
Só peço a Deus  
Me dê força e coragem  
Para continuar a minha caminhada  
Lutando sempre pelos meus objetivos  
E nessa caminhada  
Se eu tiver que tropeçar...  
Que Deus faça que eu caia de joelhos...  
Pois só assim eu sei que poderei me levantar  
E mais uma vez continuar...  
Apesar de tudo  
Apesar de todos...  
Sempre... sempre...  
Afinal, o mundo tem um só dono!  
(Zé cai chorando)

Todos no palco:

Ilumine

Os caminhos claros

Desta multidão

De sonhos raros

E devastados

Ilumine

Toda mesa vazia

Toda casa

Pobre e fria

E os desafortunados

Ilumine

A criança abandonada

A voz sem força

Tão calada

Das pessoas pobres  
Ilumine  
A razão da igualdade  
A justiça e a fraternidade  
E que o amor sobre  
Ilumine  
Tudo que precisa mudar  
E o céu, a terra e o mar  
Ilumine  
Este pedaço de terra  
Diminua a luta  
E a guerra  
E a conquista inútil  
Ilumine  
As pessoas tristes  
E aquelas que insistem  
Os outros ferir  
Ilumine  
As leis tão confusas  
E afaste  
Todos que as usam  
De forma tão hostil  
Ilumine  
A força de vencer  
A vontade de viver  
E a garra pra seguir  
Ilumine  
Tudo que precisa mudar  
Ilumine  
O céu, a terra e o mar

FIM